

RODRIGUES; João Rogério Borges de Amorim<sup>1</sup>, ALVES; Daniela Meyer Fernandes<sup>2</sup>, MACHADO; Erick Souza Alves<sup>3</sup>, MARTINHON; Priscila Tamiasso<sup>4</sup>, SILVA; Célia Regina Sousa da<sup>5</sup>

## RESUMO

Embora já existam dispositivos legais no Brasil que garantam e estimulem a participação de alunos com deficiência na rede regular de ensino, como o Estatuto da Pessoa com Deficiência (2015), tal cenário ainda não é hegemônico no sistema educacional brasileiro. Dentre os possíveis motivos, encontram-se a falta de capacitação profissional dos professores nesta área, a carência de infraestrutura e acessibilidade adequadas nas escolas e a visão segregacionista no tratamento destes educandos. Mais do que inserir este alunado na escola regular, é fundamental criar condições para seu desenvolvimento pleno. Para deficientes visuais, o desafio é ainda maior no ensino de Química, por sua linguagem fortemente pictórica, com símbolos, equações, gráficos e modelos muitas vezes de difícil transposição para o sistema Braille, além de muitos experimentos realizados em aulas laboratoriais demandarem observação visual dos fenômenos. Assim, o presente trabalho consiste em um relato de experiência das atividades pedagógicas desenvolvidas com quatro alunos cegos e três com baixa visão, distribuídos em diferentes turmas do 2º e 3º anos do Ensino Médio. As atividades foram realizadas no Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas (NAPNE) do Colégio Pedro II – *campus* Realengo II, em sala de aula ou no laboratório de Química da instituição, durante o Estágio Curricular Supervisionado em Química, entre agosto e novembro de 2022, em conjunto com os docentes credenciados. Os materiais didáticos adaptados foram confeccionados com itens de baixo custo (papel ofício, barbante, papel kraft, EVA, miçangas e copo transparente) ou que fossem facilmente encontrados na escola (kit de modelo molecular), como parte do projeto lançado ao fim do minicurso "Elaboração e adaptação de materiais didáticos e das aulas práticas", ministrado na 28ª Semana da Química da UFRJ. Propuseram-se três produtos educacionais, voltados para os temas "Fórmula estrutural de compostos orgânicos", "Tipos de solução" e "Miscibilidade de compostos orgânicos", trabalhando sobretudo os estímulos sensoriais tátil e/ou sonoro; quando possível, eles foram produzidos com a coparticipação dos próprios discentes. Os itens foram disponibilizados ao corpo docente para uso posterior e contribuíram para uma aprendizagem autônoma e cooperativa dos estudantes, de modo que se integrassem, ao mesmo tempo e de forma coordenada, videntes e não videntes durante as aulas.

**PALAVRAS-CHAVE:** aprendizagem colaborativa, educação inclusiva, ensino de Química, relato de experiência

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro, joao\_rogerio.borges\_amorim@hotmail.com

<sup>2</sup> Colégio Pedro II, daniela.alves.1@cp2.edu.br

<sup>3</sup> Colégio Pedro II, erick.machado.1@cp2.edu.br

<sup>4</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro, pris-martinhon@hotmail.com

<sup>5</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro, sousa@iq.ufrj.br